

BRASIL - PORTUGAL

16 DE JANEIRO DE 1908

N.º 216

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjé.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa



General Francisco Higinio Craveiro Lopes

Commandante da 1.ª Divisão Militar

Recentemente nomeado chefe da Casa Militar de El-Rei

VIDA ELEGANTE

EM EVIDENCIA



A sr. D. Genoveva Mayer Ulrich

(Cliché de Vidal & Fonseca — Lisbon).

Uma das obras mais bellas do sr. Carlos Mayer é sem duvida sua gentil filha. O antigo *vencido da vida*, um dos mais sub-tis e finos espiritos de Portugal, era na camaradagem intellectual d'esse famoso grupo constituído por Antonio Candido, conde de Ficalho, Guerra Junqueiro, conde de Sabugosa, Bernardo de Pin-della, Oliveira Martins, Carlos Lobo d'Avila, Eça de Queiroz, Luiz de Soveral e Ramalho Ortigão, um dos que mais brilhavam na jus-teza das observações, na subtiliza da ironia, na graça espontanea dos apropositos.

Pois todos os triumphos que o talento da phrase falada pode alcançar e em que o dr. Carlos Mayer foi um marechal invencivel, nada são ao pé do triumpho unico de se ter por filha uma senhora com os predicados de gentileza, de espirito e de bondade, que caracterisam a sr.^a D. Genoveva Mayer, recentemente casada com um dos mais distinctos professores da nossa Universidade, o sr. dr. Ruy Ennes Ulrich.

EM FÓCO



Visconde de Alite

Ha familias de artistas, de heroes, de sabios; esta, é familia de diplomatas. Ha-os que teem sangue azul; estes teem-no diplomatico. Tiveram a mesma seiva, foram aquecidos pelo mesmo sol e voltaram-se para o mesmo vento todos os ramos do mesmo tronco.

O visconde, cujo perfil tem logar n'esta columna faz actualmente de Washington uma das *étapes* da sua carreira diplomatica. E' intelligente e ouzado, e, em tempos não se livrou da fama de ser candidato à mão de uma Roosevelt. Foi pena que a versão espalhada se não realizasse por que não era de todo para rejeitar este diplomatico traço de união entre Portugal e os Estados Unidos.



A filha do sr. Carlos Nunes Teixeira

Sobrinha por sua mãe de madame Assis Brasil

(Cliché de Vidal & Fonseca — Lisbon).

O homem só se distingue dos outros animaes pela intelligencia. Alguns cultivam-a, a grande maioria despreza-a. Parece quererem renunciar á unica cousa que os separa dos outros animaes.

MORALISTAS CHINEZES.

Os filhos do sr. Antonio Rintze Ribeiro



Margarida e Manuel
com a sua inseparavel «fox-terrier» «Bolota»

(Cliché de João Moreira — amador).

GRIJÓ

O templo parochial e o convento

Fica a freguezia de Grijó, no concelho de Villa Nova de Gaya, a uns dez kilometros de distancia do Porto e a uns cinco da praia de Espinho, em local aprasivel e pittoresco. No tempo em que as ordens religiosas estavam na sua opulencia, foi alli que se ostentou a importancia dos Conegos Regrantes de S. Agostinho, pelo convento, agora quasi todo demudado, e pelo valioso templo, que serve actualmente de igreja parochial.

Residencia notavel, claustro, celleiros, quinta e cêrca: tudo quanto pertencia aos religiosos era imponente, pois vinha de longa data a fundação e viera tambem augmentando em rendas e privilegios esta casa de nobres frades.

Com o nome de Grijó, que os chronistas querem que venha a ser *corrupto vocabulo* de *igrejaola*, pequena igreja, fundaram os irmãos, Guterre Soares e Ausindo Soares, fidalgos e presbyteros da casa de Nuno Soares, o velho, um templo consagrado ao Salvador e estabeleceram as bases d'um convento com importantes herdades e valiosas rendas, isto pelos annos de 912; d'onde veiu a augmentar em consideração até que em 1093 vinha o bispo Cresconio sagrar nova igreja, que os conegos mandaram construir ao mesmo tempo que iam ampliando o convento.

Estabelecida a monarchia portugueza, a rainha D. Thereza, D. Affonso Henriques e D. Sancho, foram generosos em favorecer esta casa claustral com privilegios, couto e doações, chegando a augmentar e a tão decidida importancia, que em 1135 se enfileira-

Egrejas, mosteiros e capellas



Grijó. — Igreja de S. Salvador

(Cliché de Alberto Ferreira — Porto).

ram os frades d'este convento na ordem dos Cruzios vindo dois conegos regrantes de S. Agostinho, de Coimbra para Grijó, afim de disporem a remodelação do instituto. Esses conegos regrantes, que eram D. João Pecisliaris e D. Pedro Rebaldis, foram mais tarde elevados á dignidade episcopal e nomeados successivamente bispos do Porto.

Um padrão antigo, erguido junto ao mosteiro, recorda um romance medieval, memorando a tragica morte em duello, do filho natural de D. Sancho I, Rodrigo Sanches, que por ter galanteado

uma irmã de D. Martinho Gil de Sabrosa, este orgulhoso fidalgo o desafiou e feriu mortalmente em 2 de julho de 1245.

Sendo prior do convento o conego D. Bento, quizeram os frades, em 1538, abandonar Grijó e vir estabelecer-se na Serra do Pilar, na margem esquerda do rio Douro, defronte da cidade do Porto. Auxiliados n'este proposito por el-rei D. João III e pelo bispo portuense D. Balthazar Limpo, conseguiram estabelecer a sumptuosa residencia em 1548 e alli viveram até 1832 os conegos regrantes, deixando n'essa occasião o templo, dormitorios e officinas transformados em fortaleza militar, que sob o commando do general Torres defendeu a causa liberal nos memoraveis dias do cêrco do Porto.

A transferencia do convento para a Serra do Pilar teria sido a ruina do de Grijó se em 1566 não tivesse havido uma reconsidera-

ASSUMPTOS RELIGIOSOS



A separação dos apóstolos

ção por parte d'alguns frades que quizeram voltar para Grijó e que esta casa não se extinguisse: assim ficou a ordem dos Cruzios com dois conventos no concelho de Villa Nova de Gaya, o da Serra do Pilar e o de Grijó.

F. J. Patricio.



Condessa de Belmonte

† a 24 de dezembro de 1907

Com o fallecimento da sr.^a condessa de Belmonte, D. Maria de Mendôça de Rollin de Moura Barreto de Bragança e Bourbon, perdeu a velha nobreza de Portugal uma das suas mais altas representantes. Era filha do 1.^o duque de Loulé e da infanta D. Anna de Jesus Maria e viuva do conde de Belmonte.

Nascera em Paris em 1829.

Fora na sua mocidade, de uma rara formosura. Na côrte, e nos salões da aristocracia, a sua belleza, a sua voz de oiro e os encantos do seu espirito, davam-lhe um alto e indisputado logar de honra.

Está de luto a «vieille roche» portugueza com a morte da nobre fidalga, de quem hoje damos o retrato tirado ha trinta annos.

A instrução primaria em Portugal

A instrução primaria como hoje está organizada nos paizes mais cultos, e principalmente na Suecia, que de todos é modelo, é a base de toda a educação, o principio rudimentar de todo o ensino superior, a primeira *étape*, a mais importante e valiosa na escala do desenvolvimento intellectual e da formação civica do caracter.

Julga o *Brasil-Portugal* prestar um serviço dizendo o que ella tem sido, apontando os defeitos da sua organização, quasi primitiva entre nós, e indicando os meios de melhorá-la, aperfeiçoá-la, approxima-la, quanto possível, do que é lá fóra.

Essa missão, difficil e de responsabilidade, confiámos-la á provada competencia do sr. conselheiro Marques Mano, director geral de instrução primaria, que gentilmente accedeu ao convite d'esta direcção, para de sua justiça dizer o que de conveniente, util e moderno se offereça ao seu elevado espirito e profundo conhecimento do assumpto.

Com o artigo que segue abrimos hoje a serie dos que, tendo o mesmo objectivo, vae consagrar ao *Brasil-Portugal* o seu novo e illustre collaborador.

A REDACÇÃO.

A função da escola

Ler, escrever e contar constituia o objecto principal da velha escola primaria. Algumas regras de grammatica, incomprehendidas do mestre e do discipulo, e a relação dos feitos dos nossos monarchas, exposta mechanicamente, sem consciencia e sem sentimento, completavam a educação elemental dos que seguiam outros estudos.

A missão da escola é hoje mais larga, mais nobre, mais elevada. Propõe-se formar o homem e o cidadão e preparar-o para a vida democratica moderna, inspirada no trabalho e na liberdade. Fazer das creanças que a procuram e frequentam, pequenos homens, capazes de comprehender na vida o que ouvem, o que dizem, o que sentem; fazer dos alumnos pequenos Portuguezes que, ao deixar o mestre, sintam orgulho de terem nascido n'este paiz, e que, quando crescidos, não recuem perante qualquer sacrificio necessario para a defeza da sua patria; crear n'elles o amor, o interesse pela natureza, e dar-lhes a noção das grandes leis do Universo, é a função moderna da escola primaria, função difficil, mas indispensavel.

Nada d'isso se poderia conseguir com organismos pouco resistentes, e incapazes de energia e de esforço. D'ahi resulta introduzir-se nas escolas primarias a *educação physica*, que hoje faz parte da educação geral e accessivel a todos.

O que deve, porém, entender-se por *educação physica*, qual o seu caracter, até onde convem que ella vá, são problemas que ainda não obtiveram uma solução completa e verdadeira no nosso paiz, como em muitos outros.

Não deve surprehender o estado de empirismo e de anarchia em que se encontra presentemente a gymnastica educativa e hygienica. A necessidade de laboratorios para averiguações, a falta de um pessoal tecnico especial, a complexidade do problema que depende de dados physiologicos e anatomicos, são circumstancias sufficientes para explicar a indecisão em que todos se encontram a este respeito.

Até onde a gymnastica educativa deve ir, sabe-se. Augmentar a energia disponivel, facilitar o desenvolvimento das funções organicas, educar os movimentos em vista da flexibilidade e da economia, dar ao adolescente o conhecimento das suas forças, tornal-o senhor de si em caso de ataque ou de defeza, etc., são em resumo as qualidades physicas que ella procura crear ou fecundar. E pôde ir ainda mais longe, até aos exercicios que dão iniciativa, formam o caracter, affirmam a personalidade e são uma fonte de animação e de alegria.

No nosso paiz o problema tem interesse não só porque se relaciona directamente com a educação geral, mas porque as estatisticas militares denunciam em algumas regiões ou localidades de Portugal uma certa tendencia para a degenerescencia physica, que é preciso combater por todas as fórmulas.

Além de educativa, a gymnastica tem ainda outro caracter. E' *hygienica*. Quando existirem entre os alumnos organismos debeis, a primeira coisa a fazer é corrigir e combater tanto quanto possível os vicios hereditarios, e por meio de exercicios preparatorios e graduados dar-lhes a energia conveniente, não se devendo perder de vista que a educação physica ha de ser proporcional ao equilibrio da estrutura e ao equilibrio funcional.

Na epoca classica houve um povo que realison o ideal d'essa educação, conseguindo fazer evolucionar o individuo para um ideal de força, de agilidade e de belleza. Foi o povo hellenico; e esse ideal é aquelle para que ainda hoje ella deve tender.

Com a educação physica anda associada a hygiene da escola. Nos programmas das escolas elementares entra a hygiene como disciplina obrigatoria, quer independente, quer associada ás noções das sciencias physicas e naturaes. Em Portugal convem sempre lembrar ao professor a necessidade de recommendar e aconselhar ás creanças os preceitos da hygiene, porque ninguém ignora como a população de algumas provincias resiste obstinadamente ás ordens que os medicos e as auctoridades dão em tempo de epidemias e nas epocas normaes. Mas para que esse trabalho lento e continuo do professor produza resultado, é necessario que o alumno encontre realizados na escola os preceitos e os conselhos do mestre. E isso nem sempre succede, sendo para lamentar a ignorancia ou a inconsciencia da grande maioria das nossas camaras municipaes, tão remissas, tão refractarias ao cumprimento dos deveres que as leis lhes

impõem em materia de instrução. Recommendar hygiene, limpeza, accio ao alumno que vê em volta de si o contrario dos preceitos do mestre, chega a ser a negação de toda a pedagogia.

Não nos desalitemos porem com este facto. Outros paizes lutaram e lutam ainda contra a resistencia dos municipios; e tiveram de tomar providencias um pouco violentas para obterem escolas que satisfizessem ás devidas condições hygienicas, tanto pelo que respeita ao edificio, como pelo que respeita ao material.

O problema da hygiene escolar só poderá ser resolvido pouco a pouco, porque a solução immediata importava um enorme sacrificio para o paiz. Para provar esta asserção poder-se-hiam citar diversas nações, como a França, a Suissa, a Allemanha e os Estados Unidos. Na França sobretudo a despeza feita com construcções escolares e mobiliario elevou-se a muitos milhões desde a lei de 1 de junho de 1878.

Mas o que entre nós se tem feito desde alguns annos, o interesse que o paiz vem manifestando pelo desenvolvimento da instrução popular, permite ter esperança de que em Portugal não se recuará perante um esforço e um sacrificio necessario, do qual está dependente o nosso futuro e o nosso destino.

Estamos muito afastados da concepção que do mundo e da vida faziam as gerações passadas, cuja herança pesa ainda sobre nós. Durante uma longa epoca esqueceu-se a *mens sana in corpore sano*; vivia-se mais do céu que da terra. Que importancia tinha a educação physica e a hygiene, se o mundo era um valle de lágrimas e o corpo uma prisão? Nos tempos modernos restabeleceu-se a velha maxima classica — *mens sana in corpore sano*; e porisso em todos os paizes, como no nosso, merecem cuidado especial a hygiene e a gymnastica educativa.

Accresce uma circumstancia que é para attender. A criação de escolas em condições pedagogicas e hygienicas vem facilitar poderosamente a solução de outro problema que se chama a obrigatoriedade do ensino. Não só as creanças irão espontaneamente e com prazer para os trabalhos escolares, facto que se observa em algumas escolas portuguezas, mas os paes não terão repugnancia nem lhe serão accetites quaesquer desculpas, quando tentem fugir ao dever de ministrar aos filhos a educação elemental.

Ao lado da educação physica e hygienica está a *educação intellectual*, que deve entender-se sob dois aspectos, infelizmente mal comprehendidos pela maioria dos nossos professores e sub-inspectores.

Em primeiro logar a educação intellectual é a aquisição de noções que constituem o *credo* das gerações modernas. Creada e formada para o mundo e para a vida, a creança deve sair da escola com a noção moderna do mundo e da vida, capaz de cooperar no grande trabalho da actualidade, e preparada para as realidades da existencia, como ella hoje é. Ignorar esse *credo*, começar a ser homem sem essa preparação, é lançar-se num mundo que não comprehende, onde só poderá ser recebido como um pária ou um ilota. E o povo que persistir n'essa ignorancia, está condemnado a desaparecer, como desapareceram todos os que não se adaptaram ás novas condições do meio.

Em segundo logar a educação intellectual propõe-se cultivar o espirito, crear o habito da observação, da attenção, do raciocinio e do esforço, fecundar as facultades que existem na creança, valorisá-las. E' absolutamente nulla a aquisição de qualquer conhecimento que não tenda ao desenvolvimento da observação e do juizo, que não excite, interesse ou estimule o pensamento pessoal. Não se pretende que os alumnos saiam da escola sabios ou doutores; mas reclama-se que de lá venham homens, dotados de caracter, de firmeza, de ponderação. Ensinar é encaminhar a creança a observar por si mesma, a distinguir um phenomeno, a perceber uma differença, a descobrir uma causa, a interessar-se por um esforço.

Tudo isto só poderia conseguir-se creando mestres conscientes, que *ensem e que façam pensar*, e que possuam a qualidade que consiste em só admittir como certo o que é o resultado dum esforço proprio da intelligencia ou da attenção.

Mas como crear professores queensem e que provoquem na creança o pensamento? Creado escolas normaes, como devem ser, isto é, com os professores e com o material pedagogico moderno.

Ha ainda outra função da escola. E' a *educação moral e civica* ou a noção e o sentimento dos nossos deveres como homens e como cidadãos. A historia desempenha um papel importante n'este ramo da educação, se o professor quizer e souber ensinar-lh'a. Nas primeiras classes o mestre fará esse ensino, conversando e auxiliando-se de gravuras e de quadros, escolhendo para assumpto da lição as lendas e os episodios que emocionem a creança e criem nella o sentimento patriotico e nacional.

E assim lentamente irá nascendo no coração da creança o sentimento da patria e o sentimento d'um ideal. O ideal é o do trabalho associado ás ideias de justiça, de disciplina e de tolerancia; e conhecendo os homens que combateram e lutaram pela defeza e dignidade do paiz, os nobres exemplos de lealdade, de bravura e de honra que legaram, a creança adquirirá pouco a pouco o orgulho de ser portuguez, e formar-se-ha n'ella o sentimento de dedicação e de sacrificio, que porá em acção, quando crescido, se a patria necessitar d'elle.

N'esse ensino o professor deverá sempre lembrar-se de que o espirito do sacrificio, o sentimento da dedicação e de amor pela patria não se ensinam pelo raciocinio, mas creando emoções nobres e elevadas, lembrando, contando os actos de heroismo do nosso passado, e fazendo sentir que Portugal pôde ainda ser grande e prospero, se fór amado pelos seus filhos, e se elles se orientarem sempre por um ideal de justiça, de honra e de disciplina social.

Marques Mano.

D. João da Camara

Um dos melhores entre nós acaba de nol-o levar a morte. Dos melhores pelo talento, que era fecundo, pelo coração de ouro e pelo caracter diamantino.

Do dramaturgo e do poeta e da obra que elle deixou espalhada pelo romance, pela chronica, pelo theatro, verso e prosa distribuidos ás mãos largas por um sem numero de publicações, a critica dirá, a tempo, de sua justiça e, completado o trabalho posthumo de separar o trigo do joio, habilitará a apurarem a verdade os que queiram collocar no plano que lhe compete o artista extinto.

E' cedo ainda para esse trabalho de investigação. Perpassa por tudo que do seu espirito ficou uma saudade dolorida que mareja ainda os olhos de lagrimas, aperta o coração, e rouba á intelligencia a clareza e a nitidez indispensaveis para ajuizar com segurança.

Só depois, muito depois, se ha de ver se a obra de D. João da Camara augmentou, ou não, o patrimonio da litteratura nacional, se as delicadezas do seu estro deram uma modalidade nova ao lyrismo portuguez e a sua fórmula satisfizes as exigencias do moderno parnasianismo; só então se ha de apurar até que ponto a sua obra de escriptor enriqueceu o nosso theatro, e, d'entre tão grande numero de peças que escreveu e fez representar, far-se-ha a selecção rigorosa, verificando-se se alguma d'ellas, pela estrutura scenica, pelo desenho dos caracteres, cohesão e logica na acção, primores de dialogo, observação exacta de costumes, e sobretudo por aquella corrente de poesia que atravessa toda a obra elevada do espirito, merece as honras de receber da posteridade as glorificações que dos contemporaneos houvesse recebido.

E' outra a nossa missão, não difficil como aquella, mas dolorosa como a propria dôr. E' a de dizer em nome de nós todos, que hontem devemos deferencias á sua amisade como devemos hoje á sua memoria reconhecimento pela collaboração com que tantas vezes honrou o *Brasil-Portugal*.

o muito que sentimos a sua perda. E, da recordação de quem firma estas palavras não se apagarão os dias de outra idade, que tão recuada parece, em que conheceu D. João da Camara no desabrochar do seu talento, cujas primicias começaram a florir e a brilhar, através de formosos contos e versos encantadores, nas columnas do *Correio da Manhã*.

Estava elle no periodo radiante da mocidade, regressara havia pouco da Belgica, onde scientificamente formára o seu espirito, e onde vira de perto o que pode e o que vale o trabalho do homem, e, não obstante os encargos officiaes da sua profissão modesta, todas as horas que elles lhe deixavam livres, applicava-as á leitura dos seus escriptores favoritos, das chronicas dos nossos classicos e das estrophes dos nossos poetas, e ao mesmo tempo que a bella linguagem portugueza lhe ia desvendando os seus segredos, ia fecundando o seu talento a poesia, a verdadeira, aquella que immortalisou os grandes artistas do verso. As tendencias do espirito litterario de D. João da Camara cedo se accentuaram e denuncia, toda a obra que veio depois, a origem de que partiu. Os primeiros louvores, os applausos primeiros, que são em toda a vida gloriosa de um escriptor a gloria maior e mais sentida, contava-os elle com enternecimento, ha bem pouco ainda, descrevia-os com uma saudade tão profunda como profundo era o jubilo com que ha um bom par de annos, na sua modesta casinha de Torres Vedras, elle me leu alguns versos e os primeiros actos de um drama manuscripto e firmado por seu filho mais velho, que tinha uns doze annos e que, se

não enveredasse pela carreira medica, havia de continuar com brilho a tradição litteraria do pae.

Como eu me lembro d'esse dia de Torres Vedras, d'essa visita ao Varatojo, que D. João da Camara conhecia como os seus dedos, d'esse exiguo e severo mosteiro onde elle ia frequentemente conversar com os que o habitavam e cujas almas mysticas e religiosas tão bem se casavam com a sua! Como elle sabia prender a nossa attenção ao apontar-nos e descrever-nos a primitiva varanda do convento, da qual D' Affonso V, o seu fundador, vinha mostrar-se ao povo e ouvir as suas reclamações e queixas! Tenho essa visita gravada na memoria, como tenho ainda no ouvido todo esse dialogo de fervorosa fé entre o meu companheiro e um dos frades, moço ainda, que com lagrimas de contentamento a saltarem-lhe dos olhos bendizia a hora sagrada em que dois dias antes sua velha mãe subira ao céu, a receber a recompensa das boas acções que praticára na terra!

Esses incompreensiveis extremos da crença e da fé christã comprehendia-os D. João da Camara melhor que ninguem ao dizer-me convicto quando transpunhamos a porta do Varatojo:

— Este homem é um sincero e um crente. Este homem é feliz, e eu daria toda a minha vida para attingir n'uma hora a beatifica plenitude d'este estado d'alma.



D. João da Camara

† a 2 de janeiro de 1908

O doloroso prazer de acompanhar nas ultimas horas D. João da Camara não o senti eu, mas sei que no momento do angustioso transe se depurou, se libertou de todas as impurezas da terra a sua alma profundamente religiosa. Na recolhida meditação do momento derradeiro, que é a antevisão da Eternidade, quando perpassavam pelos seus labios quasi cerrados as orações piedosas, talvez se apossasse da sua alma singella e boa aquella ampla beatitude que enchia a vida do frade do Varatojo e que elle ambicionou n'uma hora de florescente mocidade!

Infelizmente era bem outro o estado d'alma d'aquelles que o viram partir, dos que viram apagar-se a luz viva d'aquelles olhos, emudecer a palavra poetica nos labios em que ella soube vibrar, cessar as palpitações de um coração d'onde trasbordava a bondade humana, como se n'ella se fundissem todas as grandes qualidades da raça illustre que n'elle sobrevivia.

E d'aquelles que mais o amavam, dos que lhe cercavam o leito da morte, ficaram para sempre acorrentado á memoria dolorida esse momento convulso em que a vida finda e a Eternidade começa. E, pelo tempo adeante, mais se

lhes apertará ainda o coração ao recordarem a noite immediata, essa noite de tragedia antiga, que podia ser subscripta por Eschylo ou por Shakespeare, em que, á luz das velas, mal sustidas nas mãos tremulas de amigos intimos e parentes queridos, o negro esquife de D. João da Camara, do muito amado poeta envolvido no seu habito branco de Nossa Senhora, atravessava os salões, os claustros e os pateos, d'esse mesmo palacio em que nascera, e era, ao cabo da piedosa romagem, deposto na capella, d'onde no dia seguinte havia de partir para essa viagem de que se não volta mais...

JAYME VICTOR.

Os nossos clichés

A's objectivas dos nossos collaboradores photographicos Benoliel e Lima, devemos os excellentes clichés do funeral de D. João da Camara, que hoje publicamos.

O retrato do poeta devemos-lo á gentileza de um dos seus maiores amigos o sr. Paulo Plantier, que nos confiou essa esplendida photographia, com uma dedicatória que prova a estima que o poeta consagra a esse apaixonado cultor de rosas.

E finalmente a gravura do esquife é feita sobre um desenho feliz de H. Xavier, o velho companheiro e amigo de D. João da Camara, que n'esse bello trabalho, feito expressamente para o *Brasil-Portugal*, nos dá uma dupla manifestação do seu coração e do seu talento.

E' noite, uma noite quieta
Passa um sussuro abalado
Sobre as rosas do vallado,
Que um pyrilampo marcheta.

Nem eu sei que me architecta
A minha musa ao teu lado!
Deste-me azas de brocado,
E eu voei como um poeta.

Adejamos n'um delirio...
Da tua frente no lyrio
Refresco os labios de lava.

O silencio continua...
Acordamos!... era a lua,
Muito doce, que espreitava.

1885.

N caridade

A caridade uma aurora
Rasga na treva mais densa
E accende uma luz de crença
Nas lagrimas de quem chora.



D. João da Camara no esquife

Dizer onde a pobreza mora
Desde o alto ceu sem detença
Quando a sua força immensa
Algum desditoso implora.

A caridade hoje veiu
Mostrar que o materno seio
Tem mais poder que uma fada.

A caridade tem estro
E fez-se agora maestro
D'esta alegre chilreada.

1891.

*D*entes bonitos

Dentes são teclas, em que os desejos
— Do maior sempre, sem sustentidos —
Tocam um scherzo todo em harpejos,
Cantar composto de muitos beijos,
Quer sejam d'alma, quer fementidos.

Quando um sorriso volta, incerto,
Pelas covinhas, como a soslaio,
E' primavera que já vem perto;
Em labios frescos um riso aberto
Possue mais brilho que o sol de maio.

Trinta e dois dentes, com seus fulgores,
Sem par são joia do teu sorriso,
Que pavor mettem os tentadores!
Luzindo claros dizem amores
E crueis mordem, se fôr preciso.

Da Cidade.

*C*ontramestra

Cosendo sem descanso, attenta, nem que fosse
Por dura intimação de muito negra sina,
Envolve-a a tão vulgar melancholia doce
D'haste crescida á sombra e cuja flôr se inclina.

O sol, abril, o campo, a vida!... Onde é que param
Linhas de luz d'um velho entresenhado conto?
Põe ponto ao resurgir de instantes que voaram
O nitido estalar da linha em cada ponto.

Se chegam, lá de longe, alegres alaridos,
Signaes de vida, uns sons de musica, um perfume,
Ergueu serenamente os olhos distrahidos,
E ás outras fez tristeza aquelle olhar sem lume,

De novo a frente abaixa, e mostra na doçura
Da risca muito branca as brancas dos cuidados.
Nos dentes parte a linha, e um beijo na costura
Dão mudos — triste beijo! — os beiços descórados.

Da Cidade.

Ultimos versos de D. João da Camara feitos por occasião da chegada dos expedicionarios

CORO

D'oiro surge nos céus uma aurora!
Povo heroico, desperta!... E' cantar!
Já no azul novo sol brilha agora,
E da patria illumina o altar!

VOZ

Sangue bom de valentes soldados
Poz no céu d'uma aurora os rubins.
Patria, chora os teus mortos amados,
Patria acorda ao clamor dos clarins!

CORO

D'oiro surge nos céus uma aurora!
etc.

VOZ

Nobre exemplo hoje aos netos legaram
Os que seguem lições dos avós;
Uns aos outros na historia se comparam
Velha patria, de novo ergue a voz!

CORO

D'oiro surge nos céus uma aurora
etc.

Quem tem amores

Noite em claro. O que lhe estava reservado, allí, n'aquella terra, onde passára os melhores annos da vida! E havia de ser sempre assim! Não podia o pobre homem julgar-se bem, gosar na vida uns instantes de socego, que não viesse a má sorte arruinar-lhe quantos castelinhos de vento n'um desejo de paz e tranquillidade ia construindo!

Recapitulava na memoria os ultimos annos.

Corria branda a vida em Coimbra, boas mezadas do sr. João Vaz, vinho de primeira qualidade, trabalho pouco, noites tranquillas, compridas sestas. Que lindos passeios ao longo do Mondego, ouvindo cantar as cachopas, de saias arregaçadas, enchendo as bilhas na agua corrente! E elle com o olhar muito terno...! O vinho da Beira! O vinho da Beira! Uns annos venturosos que passaram rapidos, logo equilibrados no prato da desventura por aquella fuga precipitada, aquellos horrorosos dias em Lisboa, sem dinheiro, sem vinho, ás vezes sem abrigo! Voltara a sorte a sorrir-lhe trazendo-lhe aos braços o corpo de Ayres Gomes desmaiado e ás mãos a bolsa recheada do judeu. E deu, cheio de gratidão, uma lembrança á Marianna a Santa. Foram mais uns dias rapidos a marcar com pedra branca. Logo depois a fuga atravez do Alemtejo, o encontro dos bandidos... Não, decididamente elle, Bazaruco, não nascera para ser feliz. Era aproveitar a sorte, quando esta lhe apparecesse, certo do rifão que diz que um dia não são dias; e em materia de venturas é elle para lembrar, quando recommenda — não deixes para amanhã o que podes fazer hoje. Ainda então por felicidade o Padre Manuel... Que santo homem!... E a Feveronia?... Porque haviam de ter encontrado allí aquella triste rapariga...? Coitadinha! A má vida recommençara. E agora que toda a fraterna caridade do coração da santa velhinha, sua mana... Que havia muito que o Bazaruco precisava de um pequenino descanço. Santa irmã! Como o ella receberá! E agora? Agora?... Onde iria parar agora?

Noite em claro. O ouviu sempre á escuta.

Trouxera Aurelia quasi em braços para casa, e eram aquellas horas e Gonçalo não apparecia...! Que seria feito d'elle?

Toda a noite chovêra. Passava a enxurrada cantando pela porta



O funeral de D. João da Camara. — A' porta do fallecido

Ao centro: D. Sophia Burnay e dr. Mello Breyner

(Cliché de A. C. Lima).

do Bazaruco e elle sentia a galgar lá em baixo, em cascata, as escadarias da porta de S. João.

— Lindo tempo para versos! Que será feito do senhor meu amo? Cantaram gallos.

— E' quasi manhã. E o sr. Gonçalo Vaz devaneando...! Sempre se me afigurou coisa triste um poeta molhado.

Sentiu um profundo gemido no quarto a lado, onde a irmã dormia com Aurelia.

— Pobre Florisbella! Parece-me que já cantaste o teu ultimo papel.

Ouviu a irmã falar baixinho, sentiu-lhe os pés nús a andarem sobre os ladrilhos, o vasar a agua da bilha no pucaro e, pouco depois, a voz muito fraca de Aurelia:

— Mercês.

— Tem febre, coitadinha, pensou o Bazaruco.

A luz expirava na candela. O Bazaruco tinha frio. Foi á cosinha e voltou com um naco de pão de centeio e um pedacinho de paio que cheirou com soffregidão. Encheu de vinho o pucarinho de barro novo.

— Coitadinha! Se mais lhe não valêra ter casado com o tal chris-



O funeral de D. João da Camara. — A' porta do fallecido

Os actores Brazão e Ferreira da Silva e o dr. Coelho de Carvalho

tão novo ou até morrer de fome por esses caminhos... Mas que tenho eu com isso? Não foram os meus conselhos sempre...?

Não concluiu o raciocinio e esvasiou o copo com um grande suspiro de satisfação.

Já que a má sorte mais uma vez lhe mostrava as sombras do futuro, mandava a sã philosophia que aproveitasse o presente. Que palliatio, que consolação poder beber um bom trago d'aquelle vinho novo, tão claro, que cantava tão alegremente no pucarinho, enquanto, ao som da chiadeira, as bolhinhas dançavam!

E, sempre na mesma idéa philosophica, tornou a encher o pucarinho.

Deram uns primeiros chilros muito tristes uns pardalitos escondidos na telha vã, onde se abrigavam da chuva.

— Olá! E' tarde, disse o Bazaruco.

Abriu o postigo. Começava a romper a manhã. As nuvens accumulavam-se por detraz da serra, que, n'aquelle fundo muito escuro, parecia mais proxima. Por entre uns rasgões appareciam bocadinhos do céu azul, muito frio, onde empallideciam as ultimas estrellas.

E o amo sem voltar!

O Bazaruco sahiu, fechando muito brandamente a porta para que o não ouvissem.

O poeta era capaz de ter passado a noite debaixo do balcão rendilhado, gemendo endeixas... Um catharro certo.

Que se não fossem aquellas luctas das duas familias... Terras pequenas! Os dois partidos sempre dispostos para o combate...

Aquelle disse de mim,
Eu digo do meu visinho;
Meu visinho faz o ninho
Nas coisas que hão de ter fim...
Mettei-me o mundo a caminho...!

E era assim, como dizia o Chiado. Falam comadres... Que alli andava errado o rifão. Quem lhe cortara a lingua a todos, que não inventavam senão mentiras, que mal não havia a dizer nem contra o sr. João Vaz, seu amo, nem tampouco contra aquelle espelho de cavallaria...

Mettei-me o mundo a caminho!

O facto era que a lucta, que durava havia seculos, promettia continuar e mal iria o sr. Gonçalo Vaz se se lembrasse de revelar a alguem quem era e porque andava fugido, pobre, miseravel... Eram até capazes de esquecer como elle, para salvá-os, havia arriscado a pelle. Odio velho. Odio de sangue.

Não tardou que encontrasse o amo. No luscó e fusco matutino descobriu-lhe a sombra. Estava sob as janellas de Martha, embrulhado na vasta capa esboracada, de chapéo na mão, cabelo ao vento.

— Andas ervilhado, amigo, pensava o Bazaruco.



O funeral de D. João da Camara. — A' porta do fallecido

Marcellino de Mesquita e os actores Maia, Luiz Trigueiros, Carlos Santos, Alvaro Cabral, etc.

E approximando-se

— Que é isto, senhor! Tão só!
Farão vossos pensamentos
Dez mil castellos de ventos?

Gonçalo estremeceu áquella voz.

— Caluda! Vês? Ainda não dorme.

E apontou para uma das janellas do solar, onde apparecia uma luzinha frouxa.

Estava encharcado. A capa pingava. A agua escorria-lhe dos cabellos.

— Santa noite para contemplação dos astros, disse o Bazaruco. Vento, chuva, sem contar com a trovoada que dentro em pouco ha de estalar.

— Quero falar-lhe, disse Gonçalo, como não attendendo ás observações do escudeiro.

— A quem?

— A ella! A Martha, que me ama! Que ventura, Bazaruco. Não a viste, quando entrei? Martha... ama-me!

— Onde já vae V. Mercê!... Pois assim tão...?

— Não a viste? Não viste como...? Aquelles olhos! aquelles olhos que por tanto tempo me perseguiram em sonhos bons! E não a soube reconhecer...! Martha! Que luz a dos teus olhos! E assim pude esquecer...!

Tremia de frio.

O Bazaruco, farto de aturar as paixões do amo, já lhes não dava o devido peso. Por isso poz-se a cantar:

— De vuestros ojos centellas,
Que encienden pechos de hielo,
Suben por el aire al cielo
Y en llegando son estrellas.



O funeral de D. João da Camara. — A' porta do fallecido

Sob o portal o dr. Mello Breyner, cunhado de D. João da Camara

(Clichés de A. C. Lima).

Gonçalo não tirava os olhos d'aquella janella alumiada. A villa acordava e ranchos de trabalhadores desciam pelas ruas ingremes em direcção ás portas.

— Vi-a outra vez alli, dizia elle ao Bazaruco, apontando para a janella. Toda a noite alli esteve. Se eu a vi...! Tinha os olhos fitos no céo. Se eu a vi...! Escondera-me. Não dormiu toda a noite. Porquê? Se tu soubesses...! Não dorme quem tem amores. E, quando eu entrei na scena e ella olhou para mim...! Os olhos de Martha!

— Schiu...! disse. Adormeceu agora. Toda a noite esteve ar-dendo em febre.

— Quem? perguntou Gonçalo.

— Schiu...! disse o Bazaruco. Se não dormiu toda a noite...! Não dorme quem tem amores.

(Do romance *El-Rei*).

D. João da Camara.



O funeral de D. João da Camara. — A organização do prestito
O caixão sahindo da capella
dos Condes da Ribeira, conduzido por pessoas da familia
(Cliché de B. molle.)

Era quasi madrugada, quando uma outra senhora a veiu buscar e levou quasi nos braços para dentro... Ainda luz á janella. Não dorme ainda.

— Está todo molhado, meu sr.! disse o Bazaruco piedosamente. Começa a gente a ir para o trabalho. Venha deitar-se. Conversaremos em casa. Deve de beber alguma coisa quente. Isto d'homem andar assim areado...

Metteno lhe o braço, foi-o arrastando.

Passaram pela casa de João Vaz. Um homem sahio a cavallo n'uma mulinha fogaço. Metteno a trote pela calçada.

— Olá! disse o Bazaruco. Conhece o?

Gonçalo, embebido em seus pensamentos, não respondeu.

— Aquelle homem! O alemtejano que é por D. Felipe!

Gonçalo encolheu os hombros.

— E' pois certo...! pensou o Bazaruco.

Entraram em casa.

A velhinha appareceu á porta da alcova.

Acto de contricção da pequenina Helena

Era na manhã da vespera do Natal.

N'uma cadeira baixa, muito proxima do lindo berço com cortinas de bellissimas rendas brancas enfeitadas com laços de fita cõr de rosa, tendo perto as chammãs alegres que crepitavam entre as columnas do fogão adornado de objectos raros collocados em cima da pedra marmore do mesmo, a mamã tem sentada nos seus joelhos Sua Magestade Helena.

Acabou de lhe calçar as meiasinhas de lã e procura calçar-lhe tambem as lindas botinhas forradas de flanela e debruadas de pelles.

Mas é preciso luctar com esta pequena tyranna de quatro annos que, rindo maliciosamente, brinca com os pésinhos n'uma rapidez extraordinaria, saltando como uma cabritinha, e a mamã impacienta-se um pouco:

— Vá, Helena, está quieta!

Helena continúa a saltar doidamente para a direita e para a esquerda; agarra com a sua mãosinha rechonchuda os frisados, que cahem em finos carcoes de oiro sobre a testa branca como jaspe, da mamã, e puchando por elles desfriza-os e descobre n'uma casquinada argentina de riso as duas ordens de perolas da sua pequenina bocca, semelhante a um cofre de velludo cõr de cereja, entreaberto. A mamã morde os labios para vêr se assim consegue apparentar um ar descontente, tentando tornar-se severa.

S. M. não ligou importancia alguma aos modos sérios da mamã, saltando cada vez mais. — Sabe, Helena? Vou dar-lhe uma surri-nha; mas beijando-a logo a seguir, diz-lhe:

— Vamos, minha queridinha, deixa acabar de calçar-te. Helena estende o seu encantador rostosinho rosado aos beijos da mamã e deixa calçar o pé direito. Mas, na occasião em que a mamã vae fazer o mesmo ao pé esquerdo, a adoravel travessa, traquina de tal fórma que atira com a botinha para cima do fogão. Catrapuz!!!... uma estatueta de Sévres, cahindo sobre o marmore, fez se em mil pedaços!

— Sua má!... Deixe estar que esta noite o Menino Deus não virá pôr nada no seu sapato! Da estrella aonde elle está á espera que os sinos repiquem a prevenil o de que pode descer ás casas das meninas boasinhas e obedientes. Elle viu tudo que fizeste.

Helena tornou-se de repente muito séria e quieta; e, olhando na direcção do fogão, fez ligeiramente beicinho, apparecendo-lhe uma lagrima na extremidade das suas longas pestanas.



(Cliché de A. C. Lima).

O funeral de D. João da Camara. — A organização do prestito
O coche conduzindo o feretro

Estava então já calçada de todo.

— Tu perdoas á Helena, mamãzinha?

A mamã contrariada não respondeu.

A Heleninha deitou-se para traz e com os seus mimosos deditos acariciou-lhe as faces, conservando-se triste e garota ao mesmo tempo que lhe estendia os labios, provocando assim beijos.

— Beija a Heleninha, mamã querida! *Mamã querida* calla-se e resiste á tentação de perdoar. — "A Heleninha promete ser muito



O funeral de D. João da Camara. — A' porta do cemiterio

Conde de Monsaraz, Alvaro Chagas, Luiz Trigueiros e o actor Augusto Rosa contando uma anedota acerca da vida do fallecido

(Cliché de Benollel.)

socegada e gosta muito de ti... Mamã sente-se enfraquecer. — Colocas logo á noite o meu sapatinho n'um canto do fogão e pedirei ao Menino Deus para lá pôr uma consoada para ti, mamã querida!..

A mamã sorriu, passou as mãos pelos louros caracões do cherubim, beijando soffregadamente as suas faces frescas e delicadas...

Heleninha continuou depois— e... no outro cantinho, porei tambem uma bota de montar, do papá... para mim só... ,

Julia.

Se a honestidade fosse um vicio os homens conserval-a hiam sempre.

Politica internacional

Accentuarão-se novamente os rumores de uma proxima guerra entre os Estados Unidos e o Japão. Por algum tempo a idéa de um rompimento pareceu posta de parte. Volta, porém, a discutir-se cada vez com maior insistencia, a ponto que os espiritos a este respeito mais scepticos principiam a acreditar que por este lado alguma tremenda catastrophe se prepara. Será assim?..

Publicam-se entrevistas, commentam-se relatorios, communicam-se despachos diplomaticos, e de tudo se quer deduzir que um duello de morte entre as duas nações é inevitavel, tendo cada uma d'ellas, por motivos que lhe são particulares, interesse em precipitar os acontecimentos. Segundo este modo de vêr convem ao Ja-



O funeral de D. João da Camara

O cortejo funebre entrando no cemiterio

(Cliché de Benollel.)

pão apressar a guerra, emquanto a esquadra americana não chega ao Pacifico e emquanto, por consequencia, elle é a potencia senhora dos mares orientaes. N'esta hypothese um golpe de mão por surpresa sobre as Philippinas repetiria o celebre golpe de Porto-Arthur e poderia considerar-se como decisivo para o desenlace final da contenda.

Por outro lado, apesar da inferioridade da sua posição estrategica no actual momento, os Estados-Unidos teem interesse em que o conflicto estale agora de preferencia, por isso que, sendo o dinheiro



(Cliché do A. C. Lima).

O funeral de D. João da Camara. — No cemiterio

A urna conduzida por alguns parentes do fallecido e pelas Irmandades do Santissimo Sacramento e de Nossa Senhora da Quietação da freguezia de Alcantara

o nervo da guerra, ao Japão, empobrecido e individado pela lucta com a Russia, faltam os meios materiaes para defrontar-se com uma nação rica, como a America do Norte e que pôde, graças aos seus capitaes, improvisar tantas esquadras quantas sejam necessarias para abater o orgulho e esmagar o poder dos nippões.

poneza, o equilibrio no Oceano Pacifico e nos paizes que elle bahna foi destruido em proveito do Japão. Além d'isso as estrondosas victorias do imperio do Mikado de tal modo excitaram as ambições e a vaidade dos nippões, que seria pueril tentar diminuir a importancia de semelhante estado de espirito de um povo inteiro, da en-



O funeral de D. João da Camara. — No cemiterio

A actriz Adelina Abranches chorando á beira da sepultura, sua filha Aura Abranches, etc.

Evidentemente ha exageração n'este duplo modo de vêr e, embora a situação não seja isenta de perigos, repugna-nos, pelo menos na hora presente, attribuir-lhe tão accentuada gravidade. Em vez de termos por certo que ao Japão e aos Estados-Unidos convem precipitar a guerra, parece-nos que é de interesse capital para as duas nações evital a.

O Japão precisa antes de tudo, não só refazer-se economica e financeiramente das perdas ocasionadas pela ultima campanha, mas digerir e assimilar o que d'ella lhe coube como premio da victoria. A Coréa e a Mandchuria meridional exigir-lhes-hão ainda por muito tempo a concentração de todas as suas forças e de todos os seus recursos pecuniarios para fazer fructificar o que por ora representa apenas pesadissimo encargo. Pensar em novas aventuras guerreiras e eventuaes conquistas, enquanto as feitas á Russia não se encontrarem em via de assimilação, seria erro indesculpavel que poderia pôr em perigo não só as probabilidades da futura lucta, mas até o resultado dos passados sacrificios feitos. E o Japão tem dado mostras de sufficiente habilidade e perspicacia para não cahir em tal erro.

Os Estados Unidos pelo seu lado não pôdem desejar a guerra, esta ou qualquer outra, mas sobretudo esta, pela enorme perturbação que semelhante accidente traria á sua expansão commercial no Oriente, onde actualmente estão as melhores esperanças de encontrar mercados, que possam satisfazer as necessidades da sua colossal industria. E não sómente por este motivo, mas pela propria base em que assenta a civilização da Republica e os Estados Unidos não são uma nação com tradições guerreiras como o Japão, ou com uma forte organização militar como a Alemanha. São um povo essencialmente commercial e industrial, e portanto com tendencias essencialmente pacificas, ás quaes repugnam as perturbações que precedem, acompanham e seguem todas as guerras. Um conflicto armado, das proporções que assumiria o que tivesse de travar-se com o Japão, significaria para os Estados-Unidos, em plena crise industrial e financeira, uma catastrophe de incalculaveis consequencias. Poderia até ser causa de uma ruptura da União se o desastre assumisse determinadas proporções, que aliás não são difficeis de prevêr, dado o adversario temivel com que a Republica teria de medir se.

N'estes termos como podem os Estados Unidos desejar, e muito menos provocar, uma guerra com o Japão? Tudo nos leva a suppôr o contrario.

Mas, se a hypothese de um rompimento violento e immediato entre as duas nações deve ser posta de parte, quer isto dizer que a situação actual seja completamente isenta de perigos? Por modo algum.

Não ha duvida que, principalmente depois da guerra russo-ja-

vergadura guerreira dos japonezes. Sob este ponto de vista o ultimo discurso politico do conde Okuma merece especial attenção.

O augmento da população no Japão é enorme e muito superior ao de qualquer das nações da Europa, mesmo das mais favore-



O funeral de D. João da Camara. — No cemiterio

Eduardo Sequeira, alumno d'arte dramatica do Conservatorio de Lisboa, discursando á beira da sepultura em nome dos seus collegas (Cliché de A. C. Lima).

cidas a este respeito, como a Russia e a Allemanha. Promette, pois, inundar com o seu excesso uma grande parte dos paizes, que estão na esphera da sua acção immigratoria. A Coréa dentro em pouco será um paiz de população japoneza.

Depois chegará a vez ao Tonkin, e ás Philippinas. A Australia já se defende com leis draconianas da entrada dos amarelllos.

Por quanto tempo ainda o poderá fazer com exito? As costas dos Estados Unidos e do Canadá banhadas pelo Pacifico lutam n'este momento contra uma verdadeira invasão de japonezes. E' mesmo esta a causa da tensão de relações entre nippões e yankes.

Ora uma questão simplesmente diplomatica ou politica, havendo boa vontade de parte a parte, chega sempre a resolver-se. Uma questão, porém, que deriva da evolucion inconstrastavel de um facto natural, como esta da expansão da população japoneza no Extremo Oriente e no Pacifico, não se resolve por meio de tratados ou convenções.

E' este o perigo da situação, que demanda toda a boa vontade dos dois governos para não degenerar em temeroso conflicto.

Um novo incidente acaba de complicar extraordinariamente a questão de Marrocos. Na cidade de Fez e em outras localidades foi proclamado sultão Muley Hafid e declarada a guerra santa contra os estrangeiros. Não ha duvida que este facto vem tornar mais precaria ainda a situação de Abd-ul-Aziz, e agravar ao mesmo tempo a questão marroquina que, como todos os dias se demonstra com novas provas, só pôde ser resolvida (se o fôr) por meios energicos. Quaes serão, porém, estes meios? Evidentemente uma occupação em fórma de parte do paiz pela França e pela Hespanha. Mas consentirá a Europa, isto é a Allemanha, em semelhante occupação? Este é o ponto duvidoso. A propria Hespanha parece negar-se a acompanhar a França n'este caminho. Pelo menos, para quem sabe vêr, é o que significa a visita de mr. Pichon a Madrid e as conferencias que tem realisado com o chefe do governo hespanhol e com o respectivo ministro de estado. Para que o ministro da republica franceza se decidisse a emprehender n'este momento a viagem a Hespanha, é preciso que a resistencia da Hespanha exigisse a sua presença. Se alguma cousa conseguiu vêr-se-ha em breve.

A França, sobresaltada e com razão pelo caminho que as cousas vão levando, deseja um Cyrineo que a ajude a levar a cruz ao Calvario e lhe sirva por assim dizer de escudo contra alguma arremetida d'além Rheno.

A Hespanha que não tem actualmente os mesmo interesses que a França na questão de Marrocos, que não tem ali sobretudo comprometido o seu prestigio militar e politico, hesita em se ir metter no vespeiro.

D'ahi o não ter-se até agora tomado uma decisão definitiva.

Agora é que se vê quão habil foi lord Lansdowne e quão ingenuo foi o sr. Delcassé quando um propoz e o outro accitou, que em troca da desistencia da França de todos os seus direitos na questão do Egypto, a Inglaterra deixaria á França plena liberdade de acção em Marrocos. Está-se bem apreciando o que vale esta liberdade de acção.

Por conta da Europa, e para interesse unico do commercio allemao e inglez, está a republica franceza dispendendo em Marrocos, com a expedição militar actual, milhões sobre milhões, está sacrificando ali muitas vidas, está vendo o seu prestigio diminuido entre os indigenas da sua colonia da Algeria pela forçada immobillidade a que a diplomacia a condemna, e no fim de contas chega ao convencimento de que, para evitar um desastre de que será ella a primeira a soffrer, tem de gastar, e em maior escala, mais milhões, tem de sacrificar, e em maior quantidade, mais vidas, e arrisca-se depois d'este novo esforço a ficar na mesma situação ou então a provocar alguma questão internacional, que venha ainda a custar-lhe mais caro.

Não é, como se vê, uma situação invejavel e comprehendese que para sahir d'ella o governo do sr. Clemenceau empregue junto da Hespanha todos os esforços. Se estes esforços não forem coroados de exito e se a guerra santa proclamada em Fez e capitaneada por Muley-Hatid se accentua e cobra alento, mal se pôde prever o que acontecerá.

Traz nos o telegrapho noticia da grande manifestação que acaba de realisar-se em Berlim e n'outras cidades da Prussia para protestar contra a rejeição da proposta, apresentada ao Landtag prussiano, pedindo o estabelecimento do suffragio universal e do escrutinio secreto. Mais de quinhentas reuniões de protesto se effectuaram no mesmo dia, mas a todas sobrelevou em importancia a que teve logar na capital. Interveiu a policia que carregou nos manifestantes, houve lucta dos populares com a tropa, de que resultaram perto de mil ferimentos, o chanceller von Bülow foi assobiado pela população e para coroar esta attitude da população berlinense francamente revolucionaria, embora ordeira, mais de dez mil pessoas se dirigiram para o palacio imperial, debaixo de cujas janellas entoaram a *Marselhesa* dos operarios. Depois dos grandes dias de 1848 nunca se tinha visto na capital da Prussia um espectáculo assim. Esperemos pela descripção circumstanciada dos factos que dentro em pouco os jornaes allemães nos trarão, para sobre o occorrido fazermos os commentarios que o caso merece como symptoma dos tempos.

CONSIGLIERI PEDROSO.

Suicidas!

N'esta estrada que vae do berço á cova,
entre abismos suspensa desde a origem,
quanta vez as desgraças nos afligem
a meio ainda de tão dura prova;

e quanta vez, ao escutar a trova
que as suas mil gargantas nos dirigem,
nos atrae para lá uma vertigem
que a cada passo dado se renova.

E se um de nós, cedendo á tentação,
se despenha por fim, o mundo então,
covardemente, julga-se o mais forte

e olha, com uma raiva mal fingida,
quem, despeçando o que elle sofre — a vida,
poude encarar o que elle teme — a morte!

Gomes Sanches.



Estatua que ha de coroar o monumento

MARECHAL DUQUE DE SALDANHA

A estatua representa o marechal com o braço direito estendido, indicando o caminho a seguir. Com o esquerdo segura o capote e a espada.

Aos pés está um morteiro antigo, do tempo em que o marechal fez as suas campanhas.

Conselheiro Cabral Moncada



† a 4 de janeiro de 1908

De uma educação esmerada, de um trato excessivamente polido, de uma cortezia de maneiras e uma subtileza de espirito, que já o tornavam uma figura de destaque, antes de ser uma personalidade em evidencia na politica e no parlamento, o dr. Cabral Moncada é dos poucos que fazem falta.

Deu provas de superior intelligencia em causas dificeis que, como delegado do ministerio publico, lhe couberam nas comarcas do reino em que serviu; no parlamento illuminou questões que se debatiam com argumentos pessoais e claros d'aquella eloquencia fria, logica, mathematica, que era caracteristicamente sua, e no governo geral d'Angola demonstrou uma competencia rara e qualidades de administrador que deram honra ao ministro que para esse cargo, elevado e difficil, o escolheu.

Para a nossa historia ultramarina ficou sendo um documento de alto valor o livro magnifico que elle nos legou, sobre o seu governo de Angola, livro de que damos um excerpto.

Aos seus, que choram desolados a sua morte, apresenta as mais sentidas condolencias o *Brasil Portugal*.

A campanha do Bailundo em 1902

Muito se disse sobre a revolta do Bailundo; mas porque nem sempre as noticias propaladas foram de molde a produzir a sua historia exacta, vou vêr se consigo a rapidos traços historial-a com a verdade possivel, baseando-me portanto em dados officiaes e informações fornecidas pelos commandantes das columnas que operaram no interior de Benguella.

Em 1901, viajando no interior de Benguella o capitão Pedro Masano de Amorim, no desempenho de comissão especial, que lhe fôra commettida, entendeu este official, depois de convencido de quanto eram infundadas as razões que tinham levado á deposição o soba grande do Bailundo, Iudungulo, que no dizer inexacto de alguns, directamente interessados em lhe attribuir actos que não praticára e responsabilidades que não tinha, fôra considerado como auctor de algumas traições e rebeldias anteriores, dever restabelece-lo para serenar fermentos perigosos de inquietação que se estavam dando, e assim o fez. A politica do gentio, porém, onde sempre varias individualidades, de relativa proeminencia, disputam entre si primazias de mando, poderio e importancia, mostrando-nos por tal modo até á evidencia que isto de brancos e pretos é tudo fundamentalmente o mesmo barro, começou de urdir as suas intrigas, e afinal, ao que parece por envenenamento, meio que tambem não figura nas tradições historicas como de exclusivo emprego entre populações selvagens, Iudungulo cahiu na morte em principios de 1902, succedendo-lhe nas eminencias cobiçadas do sobado um pretalhão feliz de nome Calendula.

Para celebrar este festivo acontecimento e consagrar a accla-

mação do novo soba, vieram as festas usuas: sacrificios, desgarrados batuques, as grandes orgias — em que a aguardente exerce função identica á do nosso tinto rascante, quando em circulos ser-tanejos o povo soberano aclama o triumpho do candidato, que respeitaveis convicções contrarias rudemente combateram, mas a quem o apuramento final conferiu a corôa rutilante e gloriosa da victoria — e o mais que é de costume. E foi precisamente n'um facto, que tanto pôde dar-se em Africa como em outra parte, na falta de pagamento de algumas ancoretas de aguardente compradas por Mutu-á-Quebera, *manecaria* que fôra de Indungulo, sem que isso, como tambem não é raro, o impedisse agora de ser um dos mais entusiastas na glorificação do poderoso Calendula, que se originou essa serie deploravel de acontecimentos, que tiveram tragico desenlace na guerra ha pouco terminada e que tantos sacrificios de toda a ordem importou.

Mutu-á-Quebera não pagou a aguardente, e o vendedor, que não fôra para o interior de Angola sómente "para tomar ares", como aliás suggestivamente muitos outros, particulares e até funcionarios, por vezes declaram, quando alludindo em suas palestras ao proposito que lhes assistia no momento do seu embarque em portos da metropole, apresentou a sua queixa na capitania-mór, que por sua vez pretendeu impôr ao devedor a obrigação de pagar a importancia das ancoretas — não sei quanto — no curto prazo de 10 dias, procurando arrancar-o assim para fôra da sua, não direi rara mas condemnavel relapsia.

Ao capitão-mór escasseiava, a meu vêr, a competencia legal para a deliberação que tomou e para a intimação que ordenou; nos usos, porém, da administração do interior, estes e outros factos estavam estabelecidos e consagrados n'uma especie de direito consuetudinario por vezes singularmente original, que as circumstancias crearam e que d'esta vez ainda foi observado.

O prazo expirou sem que o pagamento intimado se realisasse, e então foi chamado Mutu-á-Quebera á fortaleza, onde se recusou a comparecer.

Despeitado o capitão-mór com esta impolida recusa, que realmente importava um desprestigio da sua auctoridade, mandou á embala um sargento e dois soldados; a breve trecho, porém, os seus emissarios regressavam dizendo que Mutu-á-Quebera terminantemente dissera que não pagava a aguardente, e não só permanecia assim na sua escandalosa relapsia, mas até declarava — e isto é mais serio — não reconhecer a auctoridade do capitão-mór. Simultaneamente o gentio accumulado n'um grande morro que domina a fortaleza, desafiava em alta e injuriosa grita todos os brancos e a força alli existente, que asperamente invectivava na sua guttural e precipitada linguagem, cuja expressão o gesto singularmente reforçava.

Perante esta attitude insolita de gentio, a qual se repetiu por vezes, o capitão-mór nada fez, nenhuma resolução de desaggravo tomou, e mantendo-se na mais reservada abstenção, declarou depois, em correspondencia official, que assim procedera por *não ter ordem para dar fogo*. Não satisfaz a explicação, entendo eu, e, muito embora em instruções anteriores, que desconheço, lhe tivesse sido recommendada aquella prudencia que, sem exclusão da decisão e da energia, deve ser companheira inseparavel da acção da auctoridade, creio que a interpretação do dever ficou n'este caso pelo menos, um pouco áquem do seu justo limite. Pobreza de sangue talvez motivadas por este malevolo sol que a tantos tem anemiado.

Estes factos dão-se em 7 de abril, e em 9 do mesmo mez varios povos do Demba, Quibanda, Soque, Tasso, Huambo e Quipeio veem á embala do Bailundo, onde reúnem em magno conciliabulo. no intento de resolverem se devem ou não atacar a fortaleza do Bailundo. A sessão corre animada, tempestuosa mesmo; travam-se varias discussões em que a numerosa assembleia e os oradores, todos aco-



As roças de S. Thomé. — Habitação da roça Granja
(Cliché da Phot. Africana — S. Thomé).

corados segundo é costume, singularmente contrastam em attitude physica com a altivez dos projectos; e por fim, não se tendo chegado a accordo algum, parece, como tambem é tanto mais frequente entre nós quanto mais quentes e vivos correm os debates, apenas se consegue como resultado a dissidencia entre os chefes ou alguns dos seus principaes representantes. Assim o julga pelo menos a auctoridade: a desordem, porém, está bem definida e como consequencia as violencias irrompem. Mulheres de soldados, que se dirigem ás lavras em busca de mantimentos são obrigadas a retroceder pelo gentio armado, que depressa toma a resolução, que logo

executa, de amarrar todo o preto que pretenda levar á fortaleza qualquer comunicação escripta.

No Binda, perto da fortaleza, estabeleceram os bailundos um grande acampamento de guerra onde aguardam reforços pedidos, que se esperam da Gallanga e do Huambo; e n'elle são despojados, dos haveres e valores que trazem, tres commerciantes que, em 15 de abril, vinham de suas casas á fortaleza.

Entretanto, até ao pôr do sol de cada dia, em pregões de desafio, como é do uso gentilico em caso de declaração de guerra, a vozearia injuriosa da canalha desenfreada que se acha na embala, repete-se periodicamente até 24 de abril, dia em que tudo repentina e inesperadamente cessa, explicando o capitão-mór o acontecimento pelo seguinte: por terem augmentado as divergencias entre sobas e secúlos com respeito aos planos da guerra premeditada, as quaes levam Mutu á-Quebera, segundo, na sua ingenuidade de inex-



As roças de S. Thomé
Distribuição de banana ao pessoal da roça Granja

periente de costumeiras e artimanhas gentilicas, o mesmo capitão-mór acredita, a refugiar-se na Demba, receioso de que a sua gente o entregue, e á dispersão os revoltosos, que recolhem aos seus sobados.

Em tudo, porém, a boa fé simples do capitão-mór se illude, segundo depois é demonstrado pelas circumstancias e por informações colhidas no theatro d'estes deploraveis acontecimentos, subseqüentemente á guerra; e afinal os factos mostram mais tarde persuasivamente que Mutu á-Quebera não receiára traição dos seus nem fugira, apenas partira para a Demba a fim de levantar e reunir gente de guerra; e que no conciliabulo realisado na embala do Calendula, apesar da algazarra turbulenta da assembleia, sempre afinal se resolvera alguma coisa de positivo: a rapida expedição de emissarios pelos diversos sobados, avisando de que a guerra fôra decidida e ia ser declarada, e o ataque aos brancos principiar-se, como bem o demonstrou a hostilidade da attitudé tomada no Binda contra os tres commerciantes despojados a que alludi.

E' o manhoso artificio dos pretos, que tambem teem por vezes as suas artes, que os leva a interromper os seus violentos improperios, de uma frequencia periodica e regular até 24 de abril, lançados, com esgares de ameaça e gesticulações ultrajantes, do alto da embala do Bailundo sobre a fortaleza; o mesmo artificio os impelle a exagerar a apparencia das dissidencias dos chefes e a fazer crer na dispersão das gentes, no seu regresso ás respectivas

terras ou sobados, e na fuga precipitada do timorato Mutu á-Quebera; e como se tudo isto não fosse em demasia já para tranquilisar a nimia credulidade e o panglossico optimismo da auctoridade, em 25 de abril o astucioso soba Calendula declara-se hypocritamente arrependido — elle e a sua gente — da attitudé insubordinada e falha em respeito dos dias anteriores, e diz que, para penitenciar-se dos seus peccados, pessoalmente irá humilde e submisso, á fortaleza pedir que lhe perdoem suas faltas.

Era bem de ver que esta promessa não transitaria jámais para o campo das coisas realisadas, e só representava um ardil esgadamente usado para augmentar a creença no arrependimento e na paz, incitar á permanencia na incuria da prevenção, e reforçar aquella cega confiança que tão singularmente facilitaria a propagação do fogo da revolta, o incremento da sublevação, emfim, a urdidura de toda essa traiçoeira trama, que ao fim de poucos dias se revelou assustadoramente, não ainda no saque e no incendio, mas no roubo e assassinato de varios carregadores idos de Benguella para os aviados do interior.

Os crimes occorridos, que então evidenciaram, com claridade d'onde os olhos da auctoridade pareciam querer apartar-se, a perigosa realidade dos acontecimentos, e os factos anteriores que, em vista dos ultimos, adquiriram finalmente mais intensa expressão, obrigaram o capitão-mór a reconhecer necessario o emprego de meios anormais; e assim, porque os seus recursos militares continuavam a parecer-lhe insufficientes para violentamente reprimir o gentio sublevado, e talvez porque a ordem para dar fogo continuava a faltar-lhe, por meios ardilosos consegue attrahir á fortaleza em 15 de maio, o soba e alguns dos seus, data desde a qual Calendula e alguns secúlos ficam prisioneiros. Quatro d'estes secúlos eram dos que mais importante papel tinham assumido nos acontecimentos anteriores; apesar d'isso, porém, illudia-se o capitão-mór se cuidava que pelo emprego do seu ardil, não muito distante na natureza e na essencia dos processos do inimigo, conseguia a pacificação do Bailundo. Cá fôra ficava a alma da revolução, e logo immediatamente á prisão, os pretos que na embala aguardavam o regresso do seu soba e companheiros, sabedores do imprevisto desenlace da entrevista, disparam tiros e recomeçam com maior vigor os insultos anteriormente sustados.

Muito gentio é visto então armado ao abrigo das grandes pedras que assentam no sopé da embala; e, d'esta vez ao menos, esquecida a necessidade de auctorisação, antes julgada imprescindivel, para dar fogo, uma força de trinta praças saê da fortaleza e, avançando contra o inimigo, desaloja-o, põe-no em fuga, queima e arraza a embala.

Mais cedo este acto de resolução teria talvez proficuos resultados; n'esta altura, porém, sem que me mereça censura, antes ao contrario, não é mais do que o primeiro acto da guerra que alastra, se diffunde, propaga e logo rebenta na grande area onde depois se desenvolve com tão numeroso cortejo de calamidades.

CABRAL MONCADA.

No tribunal:

O presidente, severamente, dirigindo-se ao réu:

— Por esta vez ficas perdoado, mas provino-te de que não te quero ver mais aqui...

O réu cheio de reconhecimento:

— Obrigado, senhor juiz, eu participarei á policia a vontade de V. Ex.ª,



As roças de S. Thomé — Habitação da roça Santa Catharina

(Clichés da phot. Africana — S. Thomé)

Conde da Ribeira Grande



† a 15 de Dezembro de 1907

Descendente do grande descobridor portuguez João Gonçalves Zarco, o sr. conde da Ribeira Grande, D. José Maria Gonçalves Zarco da Camara, que falleceu aos 64 annos, era uma das grandes e nobres figuras da velha aristocracia portugueza. Filho do marquez da Ribeira Grande e de uma senhora da casa de Lafões, D. Anna da Piedade Bragança, mordomo-mór da rainha, par do reino, grã-cruz de numerosas ordens portuguezas e estrangeiras, não o envaideciam honrarias nem privilegios, e espalhar o bem era o supremo jubilo do seu espirito.

A morte do sr. conde da Ribeira enlutou as primeiras casas do reino e consternou não só as pessoas da sua numerosa familia mas todos aquelles que conheciam as excellencias do seu character.

Poesia do Natal

Alvaro Cabral, o artista dramatico e o auctor laureado que todos vós conheceis, encontrou uma forma nova de contar em verso — redondilhas singellas e espontaneas — o natal de Jesus.

Figura um dialogo entre Rachelina, uma formosa filha de Jerusaleem, e sua mãe.

Rachelina diz-lhe no tom mais familiar:

— A Maria que alem mora
Teve esta noite um menino!

A mãe não quer a principio acreditar, mas Rachelina afirma-lh'o e convence-a nestas originaes e deliciosas quintilhas.

Ouvi-lhe o doce vagido
Vi-lhe a retina brilhar
E minha mãe que fluído!
Nunca vi recém-nascido
Com tanta luz no olhar!

— O quê filha?!... Juro vi
Um pequerrucho galante
E por Alah, se menti,
Fulminada eu seja aqui
P'lo teu olhar faiscante.

Era com tanta clareza
Que a linda moça fallava,
Que a mãe ante a surpresa,
Consultando a natureza,
Já quasi não duvidava.

Mostrando que não descria
Do que a filha lhe contára,
Deitou-lhe a benção do dia
E tomando-a por guia
Para lá se encaminhára.

Sem o mais leve embaraço
Rachelina resoluta,
Levando a mãe pelo braço,
Em breve ganhou o espaço,
Que dista da casa á gruta.

A gruta estava cercada
Já não poderam entrar.
Toda a gente ajoelhada
A' luz da mesma alvorada
Entrava a rejubilar.

A um clarão munificente
D'um olhar feminino,
Aos clamores de toda a gente
Fez-se a gruta transparente
Para mostrar o menino.

E no berço venturoso
Da bemdita Palestina
Lá estava o Ente Ditoso
Com todo o ar gracioso
De creatura Divina.

O sol entrava a raiar;
Começava a amanhecer;
A lua sem se deitar
Sem o sol a amortecer.

Pingentes d'astros doiravam,
Os arcaes do Jordão.
As aves desaninhavam
E em coro todas cantavam
Com mimo a mesma canção.

Todas ellas requebrando
N'uma suave harmonia
Saltitantes adejando,
Par'ciam dizer cantando
Salvé ó Virgem Maria!

E, nas nuvens azuladas
Caminho direito ao céu,
Lia-se em letras sagradas
Nitidamente gravadas
Gloria incelsis Déo!

— Que diabo de homem!... Porque bocejas tanto quando estás commigo?!

— Oh! filha é muito natural!...

— Natural?

— Pois então? Não formamos os dois um só ser?! E eu, quando estou só, aborreço-me...

Entre medicos:

— Como é que tu consegues que te paguem todas as visitas?

— E' que eu, meu caro, só trato de sogras. Se ellas se curam, as filhas pagam-me bem — se morrem, os genros ainda me pagam melhor.



O cruzador «S. Raphael»

Actualmente a caminho da estação naval do Indico
(Cliché de Moreira da Fonseca — amador)

Bibliographia

Temos a nossa mesa de trabalho juncada de livros, que carecem de especial registo n'esta columna.

E' da acreditada livraria Ferreira, da rua do Ouro, a maior parte d'elles, e a enumeração e indicação dos titulos bastaria para pôr em fóco a actividade e ao mesmo tempo os creditos d'essa casa editora.

Comecemos pelos

Serões.— O numero 30, que corresponde a dezembro, é simplesmente magnifico. As paginas consagradas á paisagem portugueza com as respostas e os retratos dos poetas consultados acom-



Grupo do campeonato de lucta do Real Club Naval

panhando as vistas das paisagens que elles preferem, os versos pantheistas de Teixeira Pascoaes, e essa esplendida lyrica, que com o titulo de *Melancolia* é firmada por Manuel Duarte de Almeida, o *Album de exotismos chinzés*, com curiosas illustrações, subscripto por Wenceslau de Moraes, os *Serões dos bebês*, e outros assumptos attrahentes, fazem d'este numero um dos melhores da collecção e dos *Serões* um *magazine* que rivalisa com os mais afamados que ha lá fóra.

As sombras.— Teixeira de Pascoaes é um poeta, e um grande poeta. A profundidade da idéa, o amor da vida e da verdade, a originalidade da fórma, dão-lhe um logar alto, e á parte, entre os maiores artistas do verso que honram a litteratura moderna.

A esse admiravel volume arrancamos ao acaso um soneto:

A SOMBRA DE JESUS

Entre o sombrio e biblico arvoredo
Do Jardim, onde Christo repousava,
N'um alvar de sonho e de segredo,
Fez-se uma luz, e no ar se alevantava...

Era mais uma nevoa que toldava
De luz o céu e a terra; e quasi a medo,
Por um milagre estranho, ella tomava
Uma alta fórma humana, entre o arvoredo.

Era Jesus. E logo Magdalena,
N'essa manhã genésica e serena,
Foi ao encontro d'elle, enlouquecida!

Mas Jesus era a Sombra, era o Fulgor;
O Espirito, a Verdade, a Dôr e o Amor:
Era vida sem corpo, era só Vida!

Manual do estudante de allemão.— Aqui está um livrinho utilissimo, indispensavel para auxiliar e facilitar o estudo da lingua.

Recommendá-lo aos que queiram apprender a lingua de Goethe é um dever.

Cultura e panificação do trigo.— O sr. Carvalho de Almeida diplomado pela Escola Nacional de Agricultura e director da Escola Agricola Conde de Sucena, presta com este volumezinho um bom serviço a agricultores e industriaes.

As gravuras intercalladas no texto completam e aclaram a exposição que faz o auctor, os ensinamentos que proporciona, e que muito uteis são aos que se dedicam á cultura e á panificação do trigo.

Peccados velhos.— Grégor Criky é um dos escriptores que mais tem enriquecido com os seus romances originaes e os seus brilhantes dramas a litteratura hungara.

Entre os seus livros de nomeada avulta este: *Peccados velhos*, que Manuel de Macedo com a sua reconhecida proficiencia e profundo conhecimento da lingua portugueza e d'aquella d'onde traduz, verteu do allemão, de uma traducção auctorizada pelo auctor.

Bom, valioso serviço prestam aquellos que facilitam o conhecimento das obras primas da litteratura estrangeira, e o traductor dos *Peccados velhos* merece um largo quinhão do reconhecimento que a todos esses se deve. E' já avultado o numero das obras notaveis que elle tem vertido das linguas do norte, com uma consciencia litteraria que ennobrece e acredita o seu nome.

Memorias de um policia amador.— Aqui teem outra versão de Manuel de Macedo, feita directamente do inglez. E' um romance interessantissimo, cheio de situações, com personagens que teem, vida, scenas de um comico irresistivel, e acção que prende sempre o espirito do leitor. A Conan Doyle ficará occupando um logar distincto entre os auctores inglezes nas estantes d'aquelles que até hoje não tivessem saboreado as produções do seu espirito fecundo.

São da livraria Ferreira, impressos na Typographia do *Anuario Commercial*, todos os livros de que acabamos de tratar.

Manual dos consulados de Portugal.— Sahiu ha pouco da Imprensa Nacional este grosso volume que sob o titulo modesto de Manual é um vastissimo repositório de conhecimentos interessantes e esclarecimentos uteis sobre a classe consular.

O seu auctor, o sr visconde de Wildik, antigo consul de primeira classe, residindo actualmente em França, é o auctor d'este livro, que representa uma actividade não vulgar, um trabalho benedictino ao lado de uma grande erudição da especialidade, e de uma consciencia litteraria que abona os creditos do antigo funcionario-escriptor, por muita maneira revelados.

O *Brasil-Portugal*, onde conta velhos amigos o sr. visconde de Wildik, agradece reconhecido a offerta do importante volume e a dedicatória honrosa da sua primeira pagina.



Cliphia de A. C. Lima). Em casa dos srs. Condes de Valenças.—Festejando o dia de Reis